

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

RAABE VITÓRIA DOS SANTOS DA SILVA

**MULHERES FILÓSOFAS: A EXISTÊNCIA DO FEMININO NA HISTÓRIA DA  
FILOSOFIA**

RIO DE JANEIRO  
2022

RAABE VITÓRIA DOS SANTOS DA SILVA

**MULHERES FILÓSOFAS: A EXISTÊNCIA DO FEMININO NA HISTÓRIA DA  
FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciada em Filosofia

Orientadora: Prof. Dra. Maria Clara Marques Dias

RIO DE JANEIRO

2022

RAABE VITÓRIA DOS SANTOS DA SILVA

**MULHERES FILÓSOFAS: A EXISTÊNCIA DO FEMININO NA HISTÓRIA DA  
FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Filosofia

Orientadora: Prof. Dra. Maria Clara Marques Dias

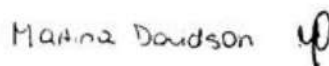
Aprovado em: 14 / 03 /2022.



9,0 (nove)

---

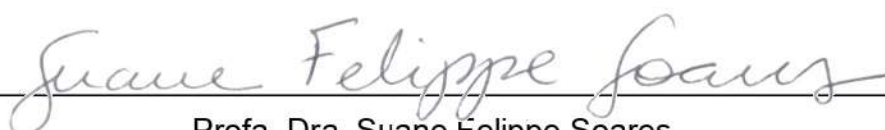
Profa. Dra. Maria Clara Marques Dias  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



9,0 (nove)

---

Profa. Ma. Martina Davidson  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



9,0 (nove)

---

Profa. Dra. Suane Felipe Soares  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

*A Deus, aos meus pais Renata e Ricardo, ao meu irmão Ryan e aos meus amigos, em especial Stephane, Daniel e Isabelle, por estarem comigo nessa caminhada, incentivando e apoiando os meus sonhos.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as portas que sempre abriu para mim, cuidando de toda a minha vida acadêmica até a conclusão da graduação. Acredito que Ele já tenha preparado o que virá a partir de agora.

Aos meus pais e meu irmão por todo o amor que sempre demonstraram, amo vocês mil milhões;

À minha orientadora profa. Dra. Maria Clara Dias, pela orientação e colaboração na execução da monografia;

À minha psicóloga, Renata Mila da Silva, por todo o apoio prestado no último ano;

Agradeço à minha amada melhor amiga, Sarah Motta, a melhor, pela revisão de texto ;

Ao meu amigo, Victor Wanderkoke, pela tradução do resumo em inglês;

Aos meus amigos, Christian, Daniel, Isabelle, Letícia e Stephane, pela companhia nas aulas, pela discussão dos possíveis temas, por tudo o que me ensinaram sobre Filosofia e por todos os momentos de descontração e diversão que tivemos pelas salas, corredores e pátio do IFCS, sem vocês seria bem mais difícil;

Agradeço especialmente à Stephane por ser minha dupla para tudo, não lembro dos momentos sem você;

Gratuz, minha amiga Ana Clara Ceia, por todo o apoio ao longo da graduação, pela presença nas fotos de formatura e por todas as conversas quando eu precisava desestressar. A você, todo o meu amor;

Agradeço a todos os meus amigos do Trupe; do Pamonha; do Disque; do Vai Edificar?; do Raphael me ajuda; do Fofuquers e às minhas tesouras. Amo muito vocês;

Agradeço ao prof. Dr. Filipe Ceppas e aos professores do Colégio Pedro I : Letícia Tury, Paulo Malafaia e Tiago de Oliveira, pela maravilhosa orientação de estágio;

Ao professor Diego Ramalho por ter me inspirado a seguir seu exemplo e abraçar a Filosofia como parte da minha vida desde o ensino médio;

A todos os demais professores e professoras que passaram pelo meu caminho e me fizeram optar por ser uma professora tão boa quanto eles foram e são;

Agradeço a todas as pesquisadoras e estudiosas que trabalharam esse tema antes de mim e a existência e a resistência de todas as mulheres que fizeram filosofia desde que ela surgiu e me inspiraram a estar aqui hoje;

Agradeço ao meu ex e futuro presidente Lula, à minha ex-presidenta Dilma e ao Ministro Fernando Haddad por me proporcionarem sempre educação de qualidade.

*"A resposta é que eu vivo de milagres  
Desta vez vai ser mais um milagre  
Eu não sei como Deus irá fazer  
Mas eu sei, vai ser perfeito  
Como tudo o que Ele faz"  
Thalles Roberto*

## RESUMO

Esta monografia visa abordar através do tema “Mulheres Filósofas: a existência do feminino na história da filosofia” não somente a problemática do apagamento das mulheres filósofas ao longo de toda a história da filosofia, como também a existência e importância dessas pensadoras durante todos os períodos da filosofia. Sendo assim, foram selecionadas quatro filósofas, uma para representar cada respectivo período da filosofia, com o objetivo de apresentar um pouco de suas vidas e obras. Em Filosofia Antiga, foi apresentada Safo de Lesbos; em Filosofia Medieval, Christine de Pisan; em Filosofia Moderna, Olympe de Gouges e em Filosofia Contemporânea, Sueli Carneiro. Além disso, foi discutida a ausência de abordagem da bibliografia e da filosofia de mulheres no curso de graduação em filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e como isso afeta a perspectiva de estudantes da área em relação à existência de tais pensadoras.

Palavras-Chave: Mulheres Filósofas, Apagamento, Existência, História da Filosofia, Feminino.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis aims to discuss the issue of "Women in philosophy: the existence of the female throughout the history of philosophy", discussing the erasure of women throughout the history of philosophy, and moreover, the existence and significance of those intellectuals/thinkers during all philosophy periods. Therefore, four philosophers were selected, one to represent each respective period of philosophy, with the objective of presenting a little of their lives and works: In Ancient Philosophy, Sappho of Lesbos was presented; in Medieval Philosophy, Christine de Pisan; in Modern Philosophy, Olympe de Gouges; and in Contemporary Philosophy, Sueli Carneiro. Furthermore, it is discussed about the female underrepresentation in academic approaches and bibliography in the courses offered by the philosophy department in Federal University of Rio de Janeiro and how this absence affects the students perspective in regarding the existence of those thinkers.

keywords: Women Philosophers, Erasure, Existence, History of Philosophy, Female.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>O APAGAMENTO HISTÓRICO DE MULHERES FILÓSOFAS.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>A EXISTÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA.....</b>	<b>19</b>
4.1	SAFO DE LESBOS.....	19
<b>5</b>	<b>HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL.....</b>	<b>23</b>
5.1	CHRISTINE DE PISAN.....	23
<b>6</b>	<b>HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA.....</b>	<b>27</b>
6.1	OLYMPE DE GOUGES .....	27
<b>7</b>	<b>HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>31</b>
7.1	SUELI CARNEIRO.....	31
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nada mais propício do que introduzir o tema justificando a escolha do título. “Mulheres Filósofas: a existência do feminino na história da filosofia” pode soar redundante se for levada em consideração a utilização da expressão “Mulheres Filósofas”, tendo em vista que se são filósofas, são mulheres. Entretanto, a escolha do pleonasma como recurso linguístico foi proposital e simbólica. Poderia ter sido utilizada simplesmente a palavra “Filósofas”, mas o termo sozinho não traz o impacto necessário. É necessário trazer a força do termo “Mulheres” para expressar que existiram mulheres e, não somente mulheres, mas mulheres que faziam e fazem filosofia, filósofas, mulheres filósofas. Logo, torna-se crucial a utilização do feminino. O termo “filósofos”, no masculino, já é muito comum no vocabulário de quem estuda/faz filosofia, é algo cotidiano. Já o termo “filósofas” muitas vezes causa um estranhamento, até certa rejeição, todavia, nesse momento, tal estranhamento é utilizado positivamente ao estimular a atenção necessária para o problema em questão: o apagamento de mulheres ao longo da história da filosofia.

Entretanto, mais importante do que abordar o apagamento das mulheres filósofas é abordar a existência delas, pois mesmo apagadas e silenciadas elas não só existiram, como existem e existirão. Sendo assim, é de grande relevância contar um pouco da história e do pensamento de algumas filósofas que fizeram e fazem história. Quem sabe contando a história de cada vez mais filósofas e repassando seus conhecimentos, opiniões, perspectivas e sua filosofia para cada vez mais pessoas, seja possível quebrar esse paradigma e fazer com que seja normal aprender e ensinar filosofia feminina e feminista. Normal nos diversos sentidos da palavra: de acordo com a norma; comum; que ocorre naturalmente ou de maneira habitual; natural, habitual etc.

Dessa forma, valorizar uma filosofia feita por mulheres é, além de justo, de extrema importância para o contexto atual, no qual mulheres já conquistaram tantos direitos e ainda têm tantos outros para conquistar. Um direito básico deve ser o de ter voz e de ser ouvida e outro é simplesmente existir, existir para fazer tudo o que desejar, inclusive filosofia. Não faz sentido impedir que isso aconteça. Não há mais tempo para permitir que mulheres sejam silenciadas, apagadas e tenham sua propriedade

intelectual usurpada. Em todo o tempo é preciso ser resistência e ser resistência é acima de tudo provar existências.

## 2 O APAGAMENTO HISTÓRICO DE MULHERES FILÓSOFAS

A Filosofia é tida por muitos como a área de conhecimento que estimula a reflexão, o questionamento e o pensamento crítico. Todavia, homens filósofos, durante muito tempo, optaram por usar de sua influência na sociedade para perpetuar o preconceito contra as mulheres, o machismo e a misoginia, além de tentarem definir pelas próprias mulheres o que é ser mulher, como fez Aristóteles no livro IX da História dos Animais:

Assim, a mulher é mais sensível do que o homem, mais dada às lágrimas; mas também mais ciumenta e mais queixosa; é mais dada às injúrias e às agressões. É também mais susceptível de se entregar à depressão e ao desespero do que o homem, mais descarada e mais mentirosa, mais pronta para enganar mas menos capaz de esquecer; não necessita tanto de dormir e tem menos actividade; de um modo geral, tem menos iniciativa do que o homem e come menos. (ARISTÓTELES, p.132)

O papel do filósofo deveria ser questionar as desigualdades e atitudes discriminatórias e silenciadoras da sociedade de sua época. No entanto, o que se pode perceber ao reparar na história da filosofia foi que o mesmo não se dispôs a examinar, refletir e problematizar de forma crítica a posição social das mulheres e todas as questões relacionadas a essa posição.

Como bem dito pela filósofa feminista Simone de Beauvoir (1908), “O machismo faz com que o mais medíocre dos homens se sinta um semideus diante de uma mulher”. Para se sentir melhores com seu próprio eu, homens de diversos períodos da história usavam como tática a diminuição das mulheres e a sua redução a nada. Isso deveria ser diferente com os homens amplamente conhecidos por seu pensamento questionador, os filósofos. Entretanto, é perceptível que na história do mundo não aconteceu dessa maneira. Foi necessário que as próprias mulheres, séculos depois, lutassem por uma voz que antes lhes foi negada e essa luta está longe de acabar.

Não sendo o suficiente negar ajuda, homens filósofos usaram e abusaram de seu privilégio social por anos a fundo para silenciar e apagar as mulheres da história da filosofia. Por mais que a filósofa alemã Ruth Hagengruber (2019) possa afirmar que “filósofos como Leibniz, Descartes e Locke sempre se referiram a filósofas e nunca se

mostraram desconfortáveis em terem aprendido com mulheres” para contrariar a afirmação de que há um apagamento das pensadoras ao longo da história da filosofia, é inegável que diversos outros filósofos (até mesmo os citados) não só silenciaram, como apagaram e usurparam os pensamentos dessas e de outras filósofas. Além disso, se for para comparar a fama, o reconhecimento e o respeito que não só os pesquisadores da área da filosofia, como também toda a sociedade, têm por esses filósofos com a fama, o reconhecimento e o respeito que os mesmos pesquisadores e a mesma sociedade têm por filósofas, fica fácil perceber o abismo entre um gênero e outro. Não são muitos os que conhecem Anne Conway, Elisabeth da Bohemia, ou Mary Wollstonecraft, filósofas que influenciaram e foram influenciadas pelos filósofos citados, tampouco são conhecidos os pensamentos e a filosofia de cada uma delas.

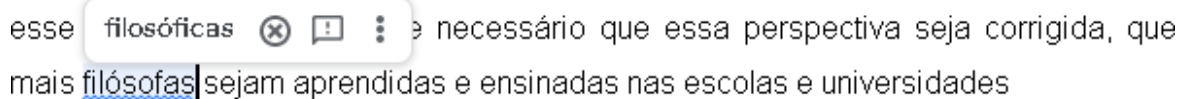
Ao seguir o senso comum, as pessoas são conduzidas a crer que pouquíssimas mulheres foram capazes de pensar e produzir um conhecimento importante e de grande relevância para que façam parte da história e da história da filosofia. Se uma pessoa for questionada na rua, com a seguinte questão: “diga o nome de três filósofas que você conheça”, há a grande probabilidade de a pessoa se lembrar de Simone de Beauvoir, talvez Hannah Arendt e dizer que fica devendo o nome da terceira. Se apenas uma letra da questão for alterada, trocando “filósofas” por “filósofos”, há uma grande probabilidade da pessoa responder Platão, Aristóteles, Sócrates, Tales, Descartes, Kant entre tantos outros. É válido ressaltar que as prováveis filósofas citadas fazem parte da História da Filosofia Contemporânea, enquanto grande parte dos prováveis filósofos citados faz parte da História da Filosofia Antiga, como se unicamente homens fizessem filosofia desde a antiguidade e mulheres só tenham adentrado nesse ramo na contemporaneidade.

Indo um pouco mais distante das ruas, mais especificamente nas salas de aula de escolas e universidades, ao analisar o currículo ou a ementa, tanto do ensino médio, quanto da graduação em filosofia, pode-se perceber a ausência ou a presença ínfima de mulheres na grade curricular e na bibliografia. Foi analisado o programa (ementa) do curso de graduação em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) do período correspondente ao primeiro semestre de 2018 e das 36 disciplinas ofertadas, somente 11 contemplavam mulheres em sua bibliografia e, da

bibliografia total utilizada nessas disciplinas, 244, somente 33 eram de autoria feminina e nem todas eram filósofas. Esse número corresponde a um total de 13,5%.

Dos 9 professores que utilizam autoras mulheres em sua bibliografia, 3 são homens e 6 são mulheres, ou seja, 33,3% são homens e 66,6% são mulheres.<sup>1</sup> É surreal pensar que já no século XXI estudantes possam se graduar no curso de filosofia, tornando-se filósofos, sem ter ao menos 15% da bibliografia total trabalhada composta por mulheres. A consequência dessa ausência de filósofas na bibliografia dos cursos de graduação em Filosofia é o desconhecimento que os estudantes da área possuem da existência dessas mulheres na história da filosofia, tudo leva a crer que, ou elas não existiram, ou se existiram, eram pouquíssimas, o que não condiz com a realidade. Por esse motivo, é extremamente necessário que essa perspectiva seja corrigida, que mais filósofas sejam aprendidas e ensinadas nas escolas e universidades. Incluir mulheres que faziam e fazem filosofia na grade curricular é o mínimo a ser realizado para fazer justiça a história de vida dessas mulheres e incentivar as meninas e mulheres da atualidade a fazerem filosofia também. Quando não há representatividade, a tendência é acreditar que é impossível realizar tal feito. Entender que existe um problema e de onde ele advém é o primeiro passo a ser realizado. Segundo a filósofa Hypatia de Alexandria, “Compreender as coisas que nos rodeiam é a melhor preparação para compreender o que há mais além”.

A questão do apagamento de mulheres filósofas é tão séria e a existência delas gera tanto estranhamento até mesmo nos dias de hoje que o próprio corretor ortográfico presente no programa pelo qual esse texto foi escrito não reconhece a palavra “filósofas” como correta. Enquanto “filósofos” aparece como uma palavra normal, no caso de “filósofas” é sugerida a alteração para “filosóficas”, como mostra a imagem a seguir:



esse filósofas é necessário que essa perspectiva seja corrigida, que mais filósofas sejam aprendidas e ensinadas nas escolas e universidades

<sup>1</sup> Fonte: [https://drive.google.com/file/d/1BH3d4zDzte5qPmTisb\\_-Sqa1a3SANc4i/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1BH3d4zDzte5qPmTisb_-Sqa1a3SANc4i/view?usp=drivesdk)

Indo ainda mais distante, se tratando dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia no Brasil, a filósofa e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carolina Araújo, explicitou em seu artigo intitulado “Quatorze anos de desigualdade: “Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017“ que:

As mulheres são, em média, 36,44% dos graduandos, 30,6% dos mestrandos, 26,98% dos doutorandos e 20,14% dos docentes de pós-graduação.[...] na carreira acadêmica, as chances do profissional do sexo masculino são, em média, 2,3 vezes maiores do que as do profissional de sexo feminino. (CAROLINA ARAÚJO, 2019, P.13)

Ou seja, além de mulheres filósofas não serem estudadas no ensino médio e na graduação como deveriam, não se formam mulheres filósofas, graduadas, mestras, doutoras e docentes de pós-graduação como deveria. Mais uma vez, as pessoas são conduzidas a crer que não há muitos exemplos de mulheres filósofas as quais tenham realizado trabalhos relevantes no campo do saber e do pensar para fazer parte da história e serem expostos e as consequências disso são nítidas. Por esse motivo, esta presente monografia tem por objetivo abordar a presença e existência de mulheres filósofas nos quatro períodos da história da filosofia.

### 3 A EXISTÊNCIA DE MULHERES FILÓSOFAS

Ao contrário do que as pessoas são condicionadas a pensar, mulheres fizeram e fazem filosofia desde a Antiguidade, na Grécia Antiga, berço da filosofia<sup>2</sup>. Todavia, as imagens femininas mais conhecidas quando se diz respeito à Grécia Antiga são as das musas e das deusas, como Afrodite e Atena. Por falar em Atena, parece muito irônico o deus grego justamente da sabedoria ser na verdade uma deusa, uma mulher e nenhuma mulher grega ter sido capaz de atuar na área do amor pela sabedoria, a filosofia, do grego *philosophia*, derivado de *philo* - amizade, amor e *sophia* - sabedoria.

Mesmo estudando filosofia grega, a imagem que é passada é de que além das musas e deusas, outros exemplares de mulheres gregas eram as que somente produziram trechos e fragmentos sem sentido, nada que pudesse ser considerado filosófico e tampouco comparado aos escritos de Platão, Aristóteles ou qualquer filósofo do sexo masculino. Sendo assim, “as mulheres não eram filósofas”, outra afirmação completamente infundada. As primeiras notícias sobre a existência de filósofas foram encontradas no Pitagorismo, uma doutrina filosófico-político-religiosa que advém dos ensinamentos de Pitágoras e de seus discípulos, chamados pitagóricos. Justamente são chamadas as filósofas da escola pitagórica de pitagóricas e são elas: *Tyrsenis*, *Philtys*, *Theadusa*, *Myia*, *Melissa*, *Perictione*, *Habroteleia*, *Timycha*, além de diversas outras. Diógenes Laércio e Porfírio são exemplos de escritores que faziam menção não só a essas filósofas pitagóricas, como também às seguidoras teóricas de outros filósofos, como Hypatia de Alexandria, seguidora de Platão. As filósofas antigas eram mulheres que escreviam e trocavam cartas com outros filósofos e filósofas, eram diretoras, professoras e alunas de escolas de pensamento e até mesmo familiares dos filósofos. A pessoa que acredita que nenhuma mulher da Antiguidade acompanhava seus conhecidos e familiares no saber

---

<sup>2</sup> Outra afirmação questionável é de que a filosofia surgiu na Grécia, pois há registros e estudos que afirmam que já se fazia filosofia bem antes do primeiro filósofo grego. Um exemplo de filósofo anterior aos filósofos gregos é Ptá-Hotepe, nascido no Egito Antigo, chamado Antigo Kemet, em aproximadamente 2300 anos antes de Cristo. Ptá-Hotepe é apresentado ao público através do documento “As Máximas de Ptá-Hotepe” e é nesse livro que há uma das definições mais antigas de filosofia. Toda essa história foi também apagada, nesse caso pela branquitude. Por esse motivo, a definição da Grécia Antiga como berço da filosofia está sendo utilizada de maneira irônica, apenas para ressaltar que é lá que muitos acreditam ter iniciado a filosofia em si, mas a realidade é diferente: é uma filosofia feita por homens brancos, porém não a primeira e única feita.

Fonte: <https://nova-acropole.org.br/blog/as-maximas-de-ptahotep/>



e pensar filosófico é muito inocente. Se imaginar que mulheres faziam filosofia na Antiguidade é difícil para muitos, imaginar que isso pudesse acontecer na Era Medieval deve ser ainda mais complexo. A Era Medieval é fortemente marcada pela religião católica, tanto que os nomes mais recorrentes de filósofos da época são de dois santos: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. A perspectiva das pessoas da idade média em relação ao homem e a mulher demarcava as funções consideradas de um gênero e não de outro, marcando o feminino e o masculino pela polaridade e impossibilidade de trabalharem em conjunto. Existia uma hierarquia, na qual homens eram considerados superiores às mulheres, e esse pensamento foi fortalecido pelo cristianismo por longos anos. Essa concepção sexista influenciou irremissivelmente o pensamento ocidental, de onde foi herdado muito do que é conhecido por filosofia.

Justamente contra esse pensamento de submissão e inferioridade das mulheres, que algumas filósofas medievais ilustres estabeleceram sua filosofia, como é o caso de Christine de Pisan e Santa Hildegarda Von Bingen. Christine de Pisan propriamente defendia não existir inferioridade da mulher em relação ao homem, mas sim complementaridade, criticando a hierarquia tão presente na época. Já Santa Hildegarda Von Bingen, que apesar de simples e não letrada, questionava e enfrentava os clérigos letrados.

Já nas eras Moderna e Contemporânea, pode parecer mais aceitável pensar em mulheres fazendo filosofia, tendo em vista que são períodos mais recentes e próximos do que os demais. Entretanto, na realidade, pouco se conhece das filósofas modernas e contemporâneas, em contrapartida muito se conhece dos filósofos desses períodos. Qual será o motivo para que Elisabeth da Boêmia<sup>3</sup> não tenha reconhecimento semelhante ao de René Descartes, visto que ambos trocavam correspondências? Elisabeth estudava filosofia e moral orientada por Descartes e renunciou as preocupações metafísicas de filósofos que vieram após. Olympe de Gouges questionava os ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade que na prática não incluíam as mulheres e lutava exatamente por igualdade para as mulheres. Além delas, diversos são os exemplos de filósofas da idade moderna, como Margaret Cavendish, Anne Conway, Mary Wollstonecraft, Catherine Trotter, Anna Maria

---

<sup>3</sup> Também conhecida como Elisabete ou Isabel do Palatinado, Princesa Isabel do Palatinado ou Princesa-Abadessa da Abadia de Herford.

Vann Schurman, entre tantas outras. No que é conhecido como Filosofia Contemporânea existem diversas filósofas inspiradoras e que lutam pelos direitos das minorias, mulheres, negros, lgbtqi+, etc. Angela Davis, bell hooks, Rosa Luxemburgo, Ayn Rand, são exemplos de mulheres filósofas internacionais, além das mais conhecidas: Hannah Arendt e Simone de Beauvoir. Finalmente, podendo incluir nomes brasileiros à lista de um período da filosofia, merecem destaque Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Yara Frateschi, Carolina Araújo, Maria Clara Dias, Aza Njeri e Katiúscia Ribeiro, sendo as quatro últimas professoras/ex professoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todas possuem muita importância para o cenário atual da filosofia, pois são mulheres que lutam por uma filosofia igualitária, decolonial<sup>4</sup>, feita também por mulheres, por negros, por indígenas e por todos que desejarem. É aprazível poder contar com a presença de mulheres na filosofia desde a Idade Antiga até a idade contemporânea da filosofia e perceber que a filosofia feminina e latinoamericana tem ganhado seu espaço.

. Além de citar o nome de filósofas de muito valor para a filosofia, é necessário se aprofundar um pouco mais na vida e obra delas. Como não seria possível fazer isso com todas, devido a extensão textual, foram selecionadas uma por período da filosofia para serem mais intimamente conhecidas. São elas: Safo de Lesbos, representando a Filosofia Antiga; Christine de Pisan, representando a Filosofia Medieval; Olympe de Gouges, representando a Filosofia Moderna e Sueli Carneiro, representando a Filosofia Contemporânea.

---

<sup>4</sup> Pensamento decolonial é uma escola de pensamento empregada sobretudo pelo movimento latino-americano em ascensão que tem como propósito desamarrar a produção epistêmica da episteme eurocêntrica e ocidentalizada, enxergando o conhecimento para além da colonização.

## 4 HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA

### 4.1 SAFO DE LESBOS

Safo de Lesbos foi uma célebre filósofa e poetisa do século VI a.C. de origem aristocrata e nascida na ilha de Lesbos, mais especificamente na cidade de Mitilene, no ano de 630 a.C. Viveu na mesma época em que Alceus e Pítaco e, com este último, teve divergências políticas que culminaram em seu exílio na Sicília por um tempo. Quando decide voltar, cria uma importante escola cham<sup>5</sup>ada *thiasos*, dedicada à educação de mulheres adolescentes e jovens.

É curioso ressaltar que alguns estudiosos afirmam que Safo deu origem à palavra “safado” e Lesbos deu origem à palavra “lésbica”. Há rumores de que Safo fosse lésbica e promulgadora da homossexualidade feminina, assim como há rumores de que a poetisa tivesse relações amorosas com as suas alunas de *thiasos*, ou que ela era prostituta, ou que era casada com um homem, ou que era mãe. Há uma forte discussão entre estudiosos e historiadores que afirmam que Safo não era lésbica e recebia essa fama pois sua poesia exaltava a feminilidade e beleza das mulheres. Além disso, há estudiosos e historiadores que afirmam que Safo se relacionava com mulheres, ou com mulheres e homens, como é o caso da professora Margaret Reynolds, especialista no trabalho de Safo, que afirma que, apesar de ser considerada um ícone lésbico<sup>6</sup>, a poetisa escreveu tanto sobre desejar mulheres quanto homens em seus fragmentos. Sendo assim, não é possível afirmar com exatidão sua orientação sexual, mas dificilmente Safo era heterossexual<sup>7</sup>. É notável desde a antiguidade que as mulheres têm de conviver com boatos e rumores a seu

---

<sup>5</sup> Alceus também foi um poeta lírico grego de origem aristocrata e nascido em Mitilene, aproximadamente em 630 a.C., exatamente como Safo. Pítaco foi um estadista e legislador da Grécia Antiga, também nascido em Mitilene na mesma época. Pítaco era considerado um tirano e estava envolvido em conflitos com Safo e Alceus (que inicialmente era seu aliado e tornou-se seu inimigo posteriormente), motivo pelo qual ambos foram exilados.

<sup>6</sup> Lésbico no sentido de sexualidade e não pertencente à ilha de Lesbos.

<sup>7</sup> Fonte:

<https://www.terra.com.br/noticias/safo-a-poeta-da-ilha-de-lesbos-cuja-visao-sobre-amor-e-sexo-atraves-u-2600-anos,7b67197ca31230afc4fb26e302467590o93pco2c.html#:~:text=distante%20de%20morrer.-,Sexualidade%20fluida,quanto%20por%20homens%2C%20aponta%20Reynolds.>

respeito, histórias que podem condizer ou não com a realidade, mas são levadas popularmente como fato.

Safo se expressava através da poesia e uma parte considerável dos seus escritos chegaram preservados a atualidade, contabilizando cerca de duzentos fragmentos, que foram encontrados no Egito, no século XIX. Além desses escritos, pressupõe-se que muitos outros tenham se perdido, cerca de nove livros. Sendo assim, é perceptível que a autora se dedicou com fervor a produção de livros.

Uma das poesias mais conhecidas de Safo de Lesbos é o fragmento 94, que traz a lembrança como recurso de consolo. Nesta poesia, é representado um triste momento de despedida, teoricamente de alguma aluna de *thiasos* que, ao chegar na idade adulta, necessita sair da escola, porém contra a própria vontade. O eu-lírico demonstra-se extremamente triste, assim como o interlocutor, entretanto demonstra a intenção de consolá-lo através da lembrança de coisas agradáveis que fizeram nos tempos em que estavam juntos, para assim, não sofrer a dor da despedida.

O trecho a seguir é baseado na edição de David Campbell (1982) e está presente junto à tradução, no livro *Filósofas* (PACHECO, 2016, p.19 e 20):

“χαίροσ’ ἔρχοο κάμεθεν  
 μέμιασ’, ὅσθα γὰρ ὡς σε πτεδήπτομεν· αἱ δὲ μή, ἀλλὰ σ’ ἔγω  
 θέλω ὄμιασαι . . . ὅσα μάλθακα καὶ κάλ’ ἐπτάσχομεν·  
 (Alegra-te e vai; lembra-te,  
 Pois sabes o quanto estamos ligadas  
 E, se não [te lembrás], eu quero lembrar-te  
 Dos belos momentos que vivemos).”

É perceptível a utilização da lembrança/recordação como recurso, pois não somente a autora instiga que o interlocutor lembre-se dos bons momentos, como também condiciona de maneira perspicaz quais momentos devem ser lembrados, citando mais à frente no poema:

“[...] nós duas, lado a lado  
 [...] tecendo grinaldas [teu delicioso colo [...] flores [...] e  
 perfumes  
 feitos para rainhas unguias com óleo (...).”

Estudos comprovam que a memória olfativa é uma das mais perenes, chegando a exceder a capacidade da visão e da audição de fixar referências.<sup>8</sup> Talvez seja por esse motivo que Safo opta por trazer essas lembranças à tona, pois provavelmente estão melhor retidas no cérebro e, dessa forma, nota-se o caráter afetivo do poema. Além disso, também há a questão da especificidade da memória, como momentos únicos vividos e direcionados especificamente à pessoa que os viveu junto a ela.

Outro motivo para a utilização da lembrança como recurso de consolo é expresso no trecho a seguir, retirado também do livro *Filósofas*:

“O momento que este texto é escrito coincide com o contexto em que começou a se expressar o pensamento pré-socrático, ao qual vincula-se Parmênides. Evidentemente que o pensamento pré-socrático, de filósofo para filósofo, apresenta muitas nuances diferenciadas; porém, no caso em questão, o uso da recordação como consolo permite constatar a identificação entre pensar e ser.

Considerando-se que a filosofia pré-socrática teve origem na região da Jônia, próxima a Lesbos, onde o texto de Safo é escrito (sendo que sua origem se confunde com a da própria poesia lírica, no séc. VII a. C.), pensamos ser muito provável o influxo filosófico na poesia lírica a ponto de esta defender em um texto que a lembrança é suficiente para amainar uma saudade já que pensar é considerado o mesmo que ser”. (SILVA, Odi Alexander Rocha da, 2016, p. 21).

Ou seja, ao sentir falta ou saudade de uma pessoa e lembrar dela e dos felizes momentos que passaram lado a lado, é possível que a pessoa sinta como se estivessem verdadeiramente próximos, de corpo e alma, mesmo que estejam distantes. Sendo assim, uma lembrança positiva tem a capacidade de alegrar quem a possui e, quanto mais intensa e afetiva for essa lembrança, mais felicidade é provável que ela traga. Logo, há o assentimento da lembrança como suporte emocional em momentos de tristeza.

É notável a fusão da filosofia e da poesia lírica, principalmente quando autores como Safo de Lesbos abordam através de sua poesia temas relacionados à existência humana. Não é confirmado se a filosofia deu inspiração à poesia lírica ou se o contrário aconteceu, mas sinceramente isso não possui grande relevância. O que importa é que houve grande contribuição de Safo de Lesbos à filosofia, indo muito além do poema citado, através de suas diversas obras, nas quais foi capaz de juntar

---

8

poesia e filosofia por meio de sua perspicácia e capacidade de observação e raciocínio, além de seu grande talento.

## 5 HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL

### 5.1 CHRISTINE DE PISAN

Christine de Pisan, nasceu em 1364 na Itália, mais especificamente em Veneza. Apesar de não ser muito conhecida pelas pessoas do atual século, foi também uma poetisa e escritora, presente nos séculos XIV e XV. Ela discordava da inferioridade da mulher em relação ao homem, defendendo uma complementaridade entre ambos os gêneros. Christine defendia também um aumento do valor da mulher através da educação, de instruções e de estudos. Continuando a falar em estudos, foi com seu pai, Thomaz de Pisan, que Christine aprendeu filosofia e latim, disciplinas as quais até então não eram ministradas às mulheres. Seu pai atuava na área da astronomia com maestria e, por isso, foi convidado pelo rei da França, Carlos V, o sábio, a viver na corte. Em 1370, Thomaz muda-se para a França junto à sua família, onde viveu até a sua morte. Por esse motivo, Christine se considerava mais francesa do que italiana.

Aos quinze anos, com seu pai ainda vivo, Christine de Pisan se casa, seguindo a tradição da época. Dez anos após seu casamento, seu marido morre em sequência de seu pai, que havia falecido três anos antes, em 1386. Foi nessa época que Christine se viu na obrigação de amparar e prover o ganha-pão de sua família, visto que possuía mãe, irmãos e filhos. Logo, ela viu em seu talento e estudos uma forma de trabalhar com a escrita e, assim, garantir renda, se tornando a primeira mulher a ganhar a vida pela sua arte.

Christine se dedicou à escrita por mais de trinta anos, até o ano de sua morte, 1430. Pisan conseguiu com que seus livros fossem bem aceitos na França e em toda a Europa Ocidental, fazendo com que tivessem diversos exemplares e traduções. Dentre seus livros, destacam-se: “A Cidade das Damas”, de 1405 e “O Espelho de Cristina<sup>9</sup>”, também de 1405.

A filósofa versava sobre vários temas, mas com certeza o principal era a defesa da mulher, dentro dos limites da sociedade da época. Pisan lutava pela possibilidade das mulheres estudarem e de terem uma educação decente e igualitária. Em suas

---

<sup>9</sup> O nome original é *Le Livre des Trois Vertus*, renomeado em português em 1518.

palavras, através do livro “A Cidade das Damas”: “se fosse costume enviar as mocinhas à escola

e ensiná-las metodicamente as ciências, como é feito para os rapazes, elas aprenderiam e compreenderiam as dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem quanto eles” (PIZAN, 2012, p. 115).

No livro “A Cidade das Damas”, a autora traz à tona três figuras alegóricas, a Dama Razão, a Dama Retidão e a Dama Justiça, com o objetivo de erguer uma cidade na qual as mulheres consigam ser tratadas com justiça através dessas virtudes. Christine proporciona, através da reflexão, uma nova maneira de enxergar as mulheres de sua época: como indivíduos emergentes na sociedade, mostrando sua relevância e papel social na época. Além disso, Pisan também abordava os problemas enfrentados pelas mulheres de seu tempo, como por exemplo, os problemas políticos e econômicos.

Em se tratando de seu outro livro, “O Espelho de Cristina”, a autora traz a continuação de “A Cidade das Damas”, agora na forma de um manual de educação moral. Neste livro, Christine traz novamente as três virtudes para auxiliá-la a povoar a “Cidade das Damas”. Tais ensinamentos morais eram comumente ensinados apenas por homens e destinados às mulheres virgens, viúvas ou casadas. Logo, a filósofa mais uma vez trouxe uma nova perspectiva aos direcionar seus escritos à mulheres que pertenciam a diversas classes sociais. Ou seja, eram destinados às mulheres da nobreza ou da plebe, ricas ou pobres, esposas de pertencentes a todas as classes de trabalhadores, mulheres que trabalhavam dentro e fora de casa, mulheres letradas e analfabetas, etc. Pisan trazia como proposta compreender de outro modo a posição da mulher em sua sociedade, ao passo em que era comum a maior parte da literatura moral destinada às mulheres julgá-las pelo critério moral da castidade. Neste livro, o maior objetivo de Christine de Pisan é dar conselhos às diversas mulheres de sua época.

Nas palavras de Mônica Karawejczyk, no livro “Filósofas”:

“Seus conselhos para as grandes senhoras podem ser assim resumidos: ser devota a Deus; temperada em tudo: no comer, vestir e falar; rir baixo e não sem motivo; manter o rosto humilde e prazível e os olhos baixos; ter uma palavra amiga e doce resposta a todos; manter distância de jogos, danças, caçadas; visitar os doentes para lhes dar novas esperanças; não contrair dívidas maiores do que pode pagar; dar esmolas e ser caridosa e sem cobiça; mostrar-se séria e contida em público, falar pouco e manter o olhar honesto e



baixo; deve usar roupas e tocados ricos, pois fazem parte do seu estado; deve conhecer bem a sua terra e quem trabalha nela e nunca se mostrar áspera nem má para suas mulheres e servidores. Tais conselhos em nada se diferenciavam das normas de tradição monástica que deveriam reger a vida cotidiana das mulheres. Pisan também reforça que a mulher deve ser submissa às vontades do marido e participar de forma ativa da criação dos filhos, da administração dos seus bens e se preocupar com sua própria educação e com suas rendas.” (KARAWEJCZYK, Mônica, 2016, p. 116).

Coerentes com a Era Medieval<sup>10</sup>, os conselhos que Christine de Pisan escreveu em seu livro, por meio da Dama Razão, da Dama Retidão e da Dama Justiça, também têm por objetivo instruir as mulheres a fugir do pecado, suportar e persistir em meio às tentações e, assim, fazer com que todas as virtudes e valores que as afastam do inferno e as aproximam de Deus, se aproximem delas. Virtudes e valores esses tais quais perdão, simplicidade, honra, temperança, paciência e mansidão.

Com a responsabilidade de dar conselhos às mulheres de todos os estados em seu livro “O Espelho de Cristina” e também quando trouxe no livro “A Cidade das Damas”, exemplares de mulheres que se sobressaíram em meio a multidão (e por isso mereciam ser copiadas), Christine demonstra procurar um espaço no qual as mulheres conseguissem se reconhecer, se enxergar e se exaltar na qualidade de mulheres. Em suas obras, Pisan traz uma ilustração idealizada, mas ainda válida, da mulher no medievo.

É notável que suas obras e conselhos trazem uma perspectiva considerada retrógrada do que é exercer o papel de mulher e isso é muito diferente da perspectiva atual. A questão da submissão em relação ao marido, por exemplo, é bastante problemática e problematizada nos dias de hoje. Entretanto, é perceptível que isso condiz com a época em que ela estava inserida e, para essa mesma época, a maioria de seus pensamentos eram considerados visionários e até audaciosos. Os direitos das mulheres foram e estão sendo conquistados à base de muita luta e, durante muitos séculos após o século XIV, não podendo desconsiderar a contribuição de Christine de Pisan. É extraordinário poder contar com a participação de uma mulher expressando de maneira pública suas perspectivas e opiniões na sociedade medieval. Por mais que, por séculos, Christine de Pisan não tenha sido reconhecida como filósofa, é nítida a sua contribuição para com a filosofia, devendo ser considerada uma pensadora ou

---

<sup>10</sup> Como dito anteriormente, a era medieval é fortemente marcada pela religião católica, sendo assim, havia uma preocupação muito grande envolvendo a religião, a bíblia, os pecados e os conceitos de céu/inferno, Deus/diabo.

até mesmo uma amiga do saber (levando a palavra filosofia ao pé da letra), a qual não teve medo de assumir opinião e contrariar, dentro de seus limites, os escritores misóginos de sua época. Christine de Pisan surge para provar que existiram filósofas no medievo e não apenas isso, mas ela também faz jus a uma posição de evidência entre as mulheres filósofas do Ocidente.

## 6 HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA

### 6.1 OLYMPE DE GOUGES

Olympe de Gouges foi uma filósofa moderna nascida no dia sete de maio de 1748 e batizada Marie Gouze. Olympe nasceu na França, mais especificamente em Montauban. Sua mãe chamava-se Anne-Olympe Mouisset e seu pai se chamava Pierre de Gouze<sup>11</sup>. Além dos pais, sua família era composta por mais três irmãos e essa era uma família humilde, sem muitos recursos financeiros. Aos dezesseis anos, Gouges casou-se com Louis Yves Aubray, mas aos dezoito anos já estava viúva e decidida a não casar novamente. Ao lado de Louis, um homem rico, de boa vida e de idade mais avançada, teve um filho chamado Pierre. Além do casamento com Aubray, envolveu-se amorosamente por um bom tempo, porém sem laço de matrimônio, com Jacques Biétrix de Rozières. A morte de seu marido foi um grande marco em sua vida, pois alguns anos após esse ocorrido, ela decidiu mudar-se para Paris ao lado de seu filho e adotar o codinome Olympe de Gouges. Em Paris, dedicou-se aos estudos, às Letras e às Artes. Por mais que não tivesse uma boa escrita devido ao ensino defasado, o seu talento, a sua força de vontade e o seu amor ao que fazia lhe garantiram reconhecimento.

É importante, antes de mais nada, trazer à tona o contexto histórico da França à época. Por se tratar do século XVI I, a Europa e conseqüentemente a França passavam por uma época em que a liberdade de pensamento era uma pauta super importante. Dentre os regimes monárquicos da época, destaca-se o francês devido à sua forte opressão, o maior de todos nesse quesito. Essa monarquia estava sendo fortemente afetada por uma crise climática, que acabou levando-os às crises financeira e de colheita.

Junto a esse clima terrível, surgem os pensamentos de filósofos iluministas bastante conhecidos, como o inglês John Locke e os franceses Voltaire, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau. Seus ideais libertários e iluministas foram influenciados

---

<sup>1</sup> No caso seu suposto pai, pois a paternidade não é confirmada, alguns afirmam que ela era filha biológica do Marquês de Pompignan, entretanto ele não a reconheceu como filha. De qualquer modo, fora criada por Pierre de Gouze até os dezesseis anos.

pela Independência dos Estados Unidos. Alguns anos após esse ocorrido, aconteceu a Revolução Francesa, como produto do novo jeito de se pensar a sociedade e o Estado, pautada nos famosos ideais “Liberté, Égalité e Fraternité”, ou seja, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ideais estes questionados por Olympe de Gouges<sup>12</sup>.

A diferença entre os gêneros também se fazia presente nessa época, no caso, fortemente entre os papéis sociais, e dificilmente uma mulher conseguia ter liberdade e grande acesso aos estudos, ou sua independência financeira. Entretanto, elas não deixaram de fazer parte do processo revolucionário, seja por meio da produção intelectual, seja participando de marchas e conflitos. As mulheres marcaram presença na Revolução Francesa e, não apenas isso, mas sua presença foi indispensável e primordial. Na Revolução Francesa, as mulheres se armaram, se alistaram e foram à luta, também eram a maior parte na deposição da monarquia. Se foi graças à ajuda das mulheres que os homens foram libertos das amarras que os prendiam antes da Revolução, por que então eles impediram que elas gozassem dessa mesma liberdade após a queda do Antigo Regime? Liberdade, igualdade e fraternidade para quem? - Era o que indagava Olympe. A resposta é bem simples: por pura conveniência, eles sentiam a necessidade de ter alguém inferior a eles, em submissão. Esse alguém era a figura da mulher, suas esposas, filhas, irmãs, primas, etc. Assim se assegura a tradicional família, conceito importantíssimo por muitos e muitos anos.

Olympe de Gouges pensava muito além da época em que vivia, tinha notório interesse por causas sociais, principalmente pela igualdade de gênero. Além disso, era uma célebre escritora das mais distintas áreas, “Gouges escreveu peças de teatro, novelas, artigos políticos, panfletos e tratados, tornando-se uma mulher influente e intelectualizada.” (RODRIGUES, 2016, P.128).

A filósofa lutava também em favor da causa antiescravagista e abolicionista, sobre a qual escreveu diversas peças e panfletos, tais como “*Zamora et Mirza*” ou “*L'Heureux Naufrage; Reflexions Sur Les Hommes Negres*” e “*L'esclavagedes Noirs*”. Inclusive, a primeira vez que foi à prisão foi por escrever esta última peça, em 1785, na Bastilha. Antes da revolução, o teatro francês não via as peças de Olympe com bons olhos e, por isso, ela sofria repressão.

---

<sup>12</sup> Liberdade, Igualdade e Fraternidade para quem? Por que esses ideais não se aplicavam às mulheres?

Alguns anos depois, aos quarenta anos, Olympe resolve entrar de cabeça na política, para assim lutar por mais causas. É incrível perceber que, mesmo séculos atrás, já existiam mulheres engajadas verdadeiramente nas mais diferentes causas.

“Além da abolição da escravatura e da emancipação feminina, ela também defendia o amor livre, a construção de maternidades para mães solteiras e de orfanatos, a criação de um teatro dedicado à dramaturgia feminina, de oficinas nacionais para os desempregados e de lares para os sem-teto.” (DE SOUSA, SALGADO, 2015).

Em 1789, foi lançada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a qual obviamente não visava direitos iguais para as mulheres e era focada no cidadão de sexo masculino. Em forma de protesto e com o objetivo de fazer uma nova proposta à Assembleia Nacional Constituinte, e assim ter sua aprovação, Olympe de Gouges escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, destinada à rainha Maria Antonieta, em 1791. A frase mais marcante dessa declaração é: “*A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos*”, representando o anseio da autora. A declaração escrita por Olympe tinha caráter jurídico e visava a igualdade jurídica das mulheres em relação aos homens e também criticava o obívio dos famigerados conceitos de igualdade e liberdade presentes na pauta revolucionária. Há quem possa imaginar que Olympe teve êxito em suas intenções, mas o contrário aconteceu, sua declaração além de ser desprezada, serviu como suporte às acusações contrárias à filósofa, as quais acabaram a levando à guilhotina. A oposição a Marat e Robespierre custou a vida de muitos revolucionários da época e, lamentavelmente, Olympe, considerada periculosa para a moral feminina, foi uma dessas pessoas. É deplorável e de uma infelicidade tamanha que a vida da célebre Olympe de Gouges tenha acabado dessa maneira.

Em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Declaração Universal de Direitos Humanos, a qual consiste em 30 artigos, que são inspirados nos 17 artigos do texto de Olympe. Levou mais de 150 anos para que suas reivindicações fossem efetivamente ouvidas, mas a luta não foi em vão. Embora prematuramente silenciada pelos próprios “revolucionários” e defensores da igualdade e liberdade de sua época, a filósofa marcou não só a história da França, como a história da Filosofia. É com o objetivo de enaltecer essas mulheres que deve-se contar a todos os seus

legados. Verdadeiramente, Olympe de Gouges foi uma mente brilhante à frente de seu tempo.

## 7 HISTÓRIA DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

### 7.1 SUELI CARNEIRO

Sueli Carneiro, cujo nome completo é Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, é uma filósofa contemporânea brasileira nascida na cidade e no estado de São Paulo, no dia vinte e quatro de junho de 1950. Sua mãe, chamada Eva Camargo, era costureira e seu pai, chamado José Horácio, era ferroviário, Sueli possui mais seis irmãos, sendo ela a mais velha entre eles. Além de filósofa, Sueli Carneiro é ativista antirracismo, mestra e doutora pela Universidade de São Paulo, fundadora do Instituto Geledés e escritora de diversas obras, tais quais: *“Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”*; *“Escritos de Uma Vida”* e *“Mulher Negra”*.

Participou de sua primeira passeata em 1964, aos quatorze anos, contra o golpe militar, e desde então não parou mais, participou de diversos eventos importantes, como a formação do Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF), do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e do Movimento Negro Unificado (MNU). Além disso, ela ajudou a criar eventos como o Encontro Nacional de Mulheres Negras e o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Também foi coordenadora do Programa da Mulher Negra do CNDM, em Brasília e, após esse feito, mais especificamente no ano de 1988, Sueli Carneiro criou seu famoso e importante instituto, o Instituto da Mulher Negra, Geledés. Foi em seu Instituto que Sueli criou o projeto SOS Racismo – Assessoria Jurídica em Casos de Discriminação Racial, seu primeiro projeto no Geledés, com o objetivo de prestar assessoria gratuita àqueles que sofriam racismo, assim como encorajar que eles denunciassem e também buscar defender as vítimas legalmente. Com isso, a procura pelo programa já contava com aproximadamente 200 pessoas por ano. Outro projeto importante do Instituto é o Promotoras Legais Populares (PLP), através do qual oitocentas mulheres conseguiram se formar como promotoras legais populares, prestando assistência a outras em situações que variam, de simples a complexas, como: questões trabalhistas, divórcio, violência doméstica, pensão, entre outras.

É notável que Sueli é militante tanto do movimento negro, quanto do feminismo, mas o que alguns podem não ter parado para pensar é que Sueli Carneiro é uma das fundadoras do feminismo negro no Brasil e uma das mais importantes referências da discussão do feminismo negro no país. Sueli merece todo o mérito por ser uma das

agentes que revolucionaram o feminismo brasileiro, ao trazer as questões e demandas raciais para serem abarcadas.

A filósofa trouxe a tona um discurso marcante da também ativista do feminismo negro Sojourner Truth, de 1851, intitulado “*Ain’t I a woman?*”, em uma entrevista concedida à Revista Cult, em 2017.

“Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher?” (TRUTH, 1851)

“Sojourner Truth traduz com seu discurso as contradições e especificidades que marcam a experiência histórica de opressão e discriminação das mulheres negras no contexto das relações de gênero. Gostaria que você ilustrasse com aquele discurso a minha fala.” (CARNEIRO, 2017)

Ambas apontam a importância do recorte racial nas questões de gênero, ressaltando as diferenças vividas na prática entre mulheres negras e brancas. Essas diferenças envolvem desde posições sociais a questões acadêmicas, por exemplo. Sobre a questão dessas diferenças, Sueli escreveu o livro “*Mulher negra: política governamental e a mulher*”, a primeira pesquisa do Brasil a levantar, através de dados concretos, os números da desigualdade entre mulheres negras e brancas.

Sueli é tão envolvida em causas militantes e políticas que chegou a abandonar o mestrado duas vezes devido às altas demandas ativistas, voltando ao mestrado aos 49 anos. Após regressar, dedicou-se de vez à Academia, emendando o mestrado e o doutorado, este concluído em 2005, ambos na área da Filosofia.

Falando em Filosofia, Sueli Carneiro é considerada uma das mais célebres pensadoras e filósofas da Era Contemporânea, não só por sua tamanha representatividade, mas também pela relevância de suas pesquisas e escritos. Em sua tese, utilizou o conceito de dispositivo de Foucault com o objetivo de refletir sobre as relações raciais no Brasil. Criou o conceito “dispositivo de racialidade”, utilizando as ferramentas foucaultianas para - segundo Bianca Santana, biógrafa de Sueli



Carneiro pelo livro “*Continuo Preta: A Vida de Sueli Carneiro*” - “descrever o mecanismo complexo do racismo, que faz um caminho para matar, outro para subjugar, e assim organiza todo o saber, o poder, a produção de sujeitos hegemônicos e subalternos.”.

Outro conceito filosófico abordado por Sueli Carneiro é o “epistemicídio”, conceito importantíssimo para a filosofia decolonial, segundo ela:

“Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio” (Carneiro, 2005).

Apesar de não ser um conceito próprio - tendo em vista que Epistemicídio é um termo criado por Boaventura de Sousa Santos, pesquisador das epistemologias do Sul Global, a fim de explicar como acontece o apagamento e a ocultação das colaborações sociais e culturais que o saber ocidental não apreende - a filósofa o aborda perfeitamente, seja em suas produções textuais ou em suas produções orais.

É um imenso orgulho poder abordar vida e obra de uma pensadora tão importante: mulher, negra, brasileira, genial e viva! Sueli Carneiro marcou e marca seu caminho na trajetória da filosofia, influenciando atuais e futuros filósofos, filósofas, estudantes e admiradores. Viver na mesma época em que vive tão brilhante mulher filósofa é uma das experiências de vida que não se esquece jamais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que muitos tenham contribuído para que a questão do apagamento histórico das mulheres filósofas tenha acontecido, se perpetuado e deixado seus rastros na contemporaneidade, muitas contribuíram para que o oposto acontecesse e a existência dessas mulheres na História da Filosofia fosse provada e valorizada. Este trabalho de conclusão de curso visa cumprir com a segunda questão, pois reconhecer a importância do feminino na filosofia é essencial, e não há motivos para não fazê-lo.

É válido ressaltar que a questão do apagamento histórico das mulheres filósofas emerge de maneiras diferentes em cada período da história da filosofia. No que diz respeito às filósofas antigas e medievais, o apagamento é bem nítido, pois tanto as pessoas de fora da área da filosofia quanto os estudiosos dessa área não costumam conhecer os nomes, as vidas ou as obras das mulheres que faziam filosofia nesses períodos. Já as pessoas que conhecem são as que fazem estudos específicos desse tema, ou seja, não é de tão fácil acesso como a filosofia de filósofos antigos e medievais. Já na Filosofia Moderna, o apagamento se faz através da invisibilização ou na baixa proporção entre filósofos e filósofas. Não é mais tanto uma questão de não se ter registro de suas obras ou de não serem consideradas propriamente filósofas, mas sim uma questão de serem esmagadas e suprimidas pelo tamanho, força e reconhecimento que possuem os diversos e conhecidos filósofos da Idade Moderna. No que diz respeito às filósofas contemporâneas, o apagamento acontece de maneira mais sutil, ficando evidente mais por suas consequências, os resquícios desse apagamento até os dias de hoje. Isso faz com que as mulheres não possuam tanto espaço na filosofia como um todo, mas sim em suas áreas de atuação específicas, como exemplo a própria filosofia feminista ou a filosofia africana.

Entretanto, de maneira otimista, é importante afirmar que a despeito do apagamento histórico e da invisibilização e a representação deficitária dele advindas, a filosofia é sim uma área do saber de mulheres e para mulheres, mulheres as quais tiveram e têm um papel pertinente e notável na história. O reconhecimento e a valorização do trabalho dessas filósofas atualmente é fruto do trabalho de pesquisa de outras filósofas e historiadoras (e também alguns filósofos e historiadores contemporâneos, esses mais conscientes do que suas versões do passado). A partir

disso, é importante cogitar o que deve ser feito para que mais e mais filósofas consigam ganhar espaço nas salas de aula e no cotidiano das pessoas.

Ademais, este trabalho não tem por objetivo vitimizar ou fechar os olhos para os avanços que as mulheres já tiveram na filosofia, mas sim questionar o motivo que fez com que o apagamento histórico tenha acontecido e perdurado, suas consequências para a filosofia dos dias de hoje, por quais motivos o reconhecimento tenha vindo de maneira tardia e por quais motivos a academia somente agora veio se abrir e dar espaço para essas filósofas tão valorosas. Este trabalho mostra que, apesar de todo o apagamento histórico, as mulheres que fazem filosofia se mostraram fortes para buscar seu reconhecimento e estão no caminho certo de conseguí-lo de maneira proporcional aos homens.

## REFERÊNCIAS

AGGIO, Juliana et al (org.). **Filósofas**. Kotter, 2021. 636 p.

ARAÚJO, Carolina. Quatorze anos de desigualdade: Mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. **Cadernos de Filosofia Alemã**, Rio de Janeiro, jan.-jun.2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/download/155750/154195/355634>. Acesso em 18 de nov. de 2021.

ARAÚJO, Iron Mendes de; ARAÚJO JÚNIOR, Iron Mendes de. **Mulheres filósofas: participação, história e visibilidade**. Pernambuco: Appris, 2020. 129 p.

ARISTÓTELES. **História dos Animais**: Livro IX. [S. l.: s. n.], 2008.

AS MÁXIMAS de Ptahotep. **Nova Acrópole**, 2015. Disponível em: <https://nova-acropole.org.br/blog/as-maximas-de-ptahotep/>. Acesso em: 20 de dez. de 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DE SOUSA, Aída C. R. SALGADO, Luiza Mazzola. Olympe de Gouges (1748-1793). In: **Antologia de Escritoras do século XVIII. Mnemosine - UFSC**. 2015.

GARCIA, Dantielli Assumpção; PEINHOPF, Anna Deyse Rafaela. Mulheres e Filosofia: Efeitos de um Silenciamento. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, p. 164-189, jan./ jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/download/8659387/22311/70153>. Acesso em 27 de out. de 2021.

GARIGHAN, Grégorie. Epistemicídio e o apagamento estrutural do conhecimento africano. **Jornal da Universidade**, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/epistemicidio-e-o-apagamento-estrutural-do-conhecimento-africano/>. Acesso em: 06 de mar. de 2022

GRUPO DE TRABALHO DE SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA DA SBMFC. Aparecida Sueli Carneiro Jacoel. **SBMFC**, 2020. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/aparecida-sueli-carneiro-jacoel/>. Acesso em: 07/03/2022.

KULKAMP, Camila. As filósofas da antiguidade e o apagamento das mulheres na filosofia. **Germina**, 2019. Disponível em: <https://germinablog.wordpress.com/2020/06/13/as-filosofas-da-antiguidade-e-o-apagamento-das-mulheres-na-filosofia/amp/>. Acesso em: 27 de nov. de 2021.

LAS FILÓSOFAS Pitagóricas. **Mujeres en la filosofía Antigua**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/laruecadeaspasia/1-escuela-pitagorica/1-las-filosofas-pitagoricas>. Acesso em: 08 de ja. de 2022.

MULHERES na Filosofia Moderna. **Mulheres na Filosofia Moderna**, 2019. Disponível em: <https://mulheresfilosofiamoderna.wordpress.com/2018/08/03/mulheres-na-filosofia-moderna/>. Acesso em: 23 de fev. de 2022.

PACHECO, Juliana (org.). **Filósofas: a presença das mulheres na filosofia**. Porto Alegre: Fi, 2016. 395 p.

PIZAN, Christine. A cidade das damas [1405]. Tradução de Luciana Calado. Florianópolis: Mulheres, 2012.

POMPERMAIER, Paulo Henrique. Por que é indispensável conhecer Sueli Carneiro. **Outras Palavras por Cult**, 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/por-que-e-tao-importante-conhecer-sueli-carneiro/>. Acesso em: 06 de mar. de 2022.

RIBEIRO, Nádia Junqueira. "As mulheres sempre existiram na Filosofia" Entrevista - Ruth Hagenbruber. **ANPOF**. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/2014-01-07-15-22-21/entrevistas/2197-as-mulheres-sempre-existiram-na-filosofia-entrevista-ruth-hagenbruger>. Acesso em: 28 de nov. de 2021.

RODRIGUES, Débora de Quadros. MENDONÇA JR, Jorge Piaia. Uma Marcha pela Igualdade: A Emancipação Feminina na Revolução Francesa. In: **Caderno de Resumos do II Encontro de Pesquisas Históricas - PUCRS**, 2015.

SAFO, a poeta da ilha de Lesbos cuja visão sobre amor e sexo atravessou 2.600 anos. **Terra**, 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/safo-a-poeta-da-ilha-de-lesbos-cuja-visao-sobre-amor-e-sexo-atravessou-2600-anos,7b67197ca31230afc4fb26e302467590o93pco2c.html#>. Acesso em: 21 de fev. de 2022.

SANTANA, Bianca. Sobrevivente, testemunha e porta-voz. **Cult**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/sueli-carneiro-sobrevivente-testemunha-e-porta-voz/>. acesso em: 06 de mar. de 2022.

SUELI Carneiro. **Literafro**, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1426-sueli-carneiro>. Acesso em: 06 de mar. de 2022.

SUELI Carneiro: Uma voz em prol do feminismo negro. **Portal Geledés**. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro-uma-voz-em-prol-do-feminismo-negro/?gclid=CjwKCAiA1JGRBhBSEiwAxXblwevJqy5mmQ-nD7UbOnNp7fvfXmBinQGU7DY68rvttstCfsqx6GP2jhoCsXEQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro-uma-voz-em-prol-do-feminismo-negro/?gclid=CjwKCAiA1JGRBhBSEiwAxXblwevJqy5mmQ-nD7UbOnNp7fvfXmBinQGU7DY68rvttstCfsqx6GP2jhoCsXEQAvD_BwE). Acesso em: 07 de mar. de 2022.

VALENTE, Anghel. Safo das Lesbos, a pioneiralésbica que a literatura tenta apagar. **Revista Híbrida**, 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/2018/09/11/safo-das-lebos-a-poeta-queer-que-a-heterossexualidade-tenta-apagar/>. Acesso em: 21 de fev. de 2022.